

AS FONTES EPIGRÁFICAS E AS ANTIGAS NARRAÇÕES JUDAICAS DA ORIGEM MEDITERRÂNEA DO ANTIGO ISRAEL

João Batista Ribeiro Santos³⁸

RESUMO

A pesquisa pretende demonstrar sua relevância científica ao analisar as estelas onde aparece o nome “Israel” como grandeza social e o nome de reis israelitas em ambiente mediterrâneo. O objetivo é colocar as narrações mais antigas da Bíblia hebraica sobre os eventos fundadores do povo de Israel em diálogo com os testemunhos materiais. Nossa hipótese é de que existiu um povo israelita no final do segundo milênio a.C. e uma dinastia davidida no início do primeiro milênio a.C., e que esse povo manteve relações diplomáticas e períodos de guerra com os países da Transjordânia pelo predomínio na terra de Canaan. Pretendemos identificar as origens e etapas do processo evolucionário de Israel no mundo mediterrâneo.

Palavras-chave: Fontes Epigráficas; Israel; Processo Evolucionário; Mediterrâneo.

Introdução

A Bíblia hebraica é considerada uma escritura sacra e a maioria dos seus leitores a interpreta de forma quase, quando não totalmente, literal. A confirmação ou não da veracidade dos eventos fica para outra esfera. A Bíblia é uma intervenção de numerosos escribas, etnógrafos e redatores ao longo de quase um milênio de processos literários

³⁸ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e mestrando em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), orientando do Prof. Dr. Edgard Leite Ferreira Neto, com a pesquisa “A origem social do antigo Israel: um diálogo entre a história e a arqueologia na busca da origem do povo “Israel” nos séculos XIV-XIII a.C.”. Bolsista FAPERJ. E-mail: jj.batist@gmail.com

complexos. Nas “tábuas das nações” da Bíblia hebraica (*Gênesis* 9–11), o antigo Israel, em suas origens, vai se distanciando dos povos semitas. Essas narrações remontam as origens ao segundo milênio a.C., mas a redação é provavelmente exílica (século VI a.C.) com tradições do final da monarquia.

No âmbito da saga do povo, *Êxodo* 12,37-38³⁹

37 וַיֵּצְאוּ בְנֵי יִשְׂרָאֵל מִרַעְמֶסֶס סִכְּלֹתַיָּהוּ כְּשֵׁשׁ־מֵאוֹת אֶלֶף רַגְלָיִם
הַגְּבֵרִים לְבָד מֵטָרֶף:
38 וְגַם־עֲרָב רַב עָלָה אִתָּם וְצֹאֵן וּבָקָר מִקְנֵה כְּבֹד מְאֹד:

(“E partiram filhos de *Yisra’el* de *Ra’meses* a *Sukkotah*, cerca de seiscentos mil pés de homens,⁴⁰ sem contar as crianças.⁴¹ E também um povaréu numeroso subiu com eles e gado pequeno e rebanho de gado muito pesado.”) confirma incontestavelmente que ao apresentar-se como povo socioétnico, presentemente em processo de autoconsciência cristalizada, o antigo Israel se inscreve em seus cânones como uma grandeza multiétnica, segmentária de linhagem. Isso fica evidente tanto nas obras etnográficas hebraicas quanto nas fontes epigráficas egípcias.

Epigrafia, narrações memoriais e suas releituras

A chegada ao Mediterrâneo antigo, o encontro do povaréu saído do Egito com os moabitas (povo da Transjordânia), especificamente nas “campinas de Moab”, é retroagido

³⁹ Esse evento não foi inscrito em nenhuma historiografia egípcia, certamente por ser uma notícia negativa, tanto militar quanto economicamente, para a memória do faraó. Cabe-nos explicar que um *'elef* na época do Israel pré-monárquico correspondia a um grupo de seis a nove homens capazes de defender as suas famílias, o que deve ser multiplicado por seiscentos e, ao resultado, devemos acrescentar as respectivas mulheres e filhos; nem mesmo quanto a esse evento fundante a tradição é unívoca, pois *Êxodo* 38,26 afirma ser o número de homens libertados “seiscentos e três mil e quinhentos e cinquenta”. Durante a época imperial persa, um *'elef* passou a ser termo militar, que veio a significar um grupo de mil homens. Cabe ainda explicar a tradução dos termos hebraicos *'erev rab*: significa literalmente “turba numerosa”; como o gênero do adjetivo é masculino preferimos traduzir por “povaréu numeroso”, pessoas que inicialmente não faziam parte do movimento libertário. Por fim, uma questão: em relação ao período em que os descendentes de *Ya’aqov* permaneceram no Egito nunca se soube ao certo – quatrocentos e trinta anos? (*Êxodo* 12,40), quatrocentos anos? (*Gênesis* 15,13), quatro gerações a partir de Abraham? (*Gênesis* 15,16).

⁴⁰ Entende-se, “homens a pé”.

⁴¹ O substantivo coletivo *taf* corresponde a “famílias”.

(Números 22–25; *Deuteronômio* 3,1-17), enquanto o assentamento é realizado tendo o delta do Jordão como referência (*Josué* 1–4); não é preferível ignorar que o lugar geográfico do escritor tenha sido a região do entorno do rio Jordão. Quanto a isso, claro está que o livro de *Josué* faz parte da *historiografia deuteronomista*, seja como escrita, seja como revisão, sendo que a primeira parte (caps. 1–12) trata sobre a “conquista” e a segunda parte (caps. 13–22), sobre a divisão da terra de Canaan entre as tribos. Como está, tanto a conquista como a distribuição da terra são relatos etiológicos provenientes dos redatores sacerdotais e prosas de ficção elaborados conjuntamente a partir da época do exílio (século VI a.C.),⁴² contendo listas oriundas do final da monarquia (caps. 13–19) – por isso mesmo com uma primeira redação deuteronomista na época do rei Josias de Jerusalém (639-609 a.C.) no contexto do ocaso do império assírio e das ameaças de invasão neobabilônias – envolta a muitas tradições, para responder as possíveis perguntas acerca da relação entre Israel (Norte) e Judah (Sul) e de ambos com a terra (dádiva de *Yhwh!*). Seguindo outra compreensão demográfica no âmbito da geografia siro-palestina, apesar de ser a segunda parte do livro de *Josué*, o livro dos *Juízes*, que, segundo Corinne Lanoir (2010), contém redações sucessivas que podem ser localizadas respectivamente em Israel e em Judah, preservou um “registro negativo de propriedade” (Albrecht Alt) e um “pleito em favor do reinado” (H.-W. Jüngling) como contraditos ao livro de *Josué*. O “registro negativo” está nos capítulos 1 (v. 19.21.27-36) e 2 (v. 1-5), os registros das terras que os antigos israelitas não conseguiram tomar, e o “pleito em favor do reinado” foi intencionalmente intercalado após os relatos de condições religiosa e política caóticas. Evidentemente, importa-nos salientar duas “correções” que o livro dos *Juízes* realiza sobre o livro de *Josué*: a primeira é que os antigos israelitas não conquistaram completamente sequer a faixa norte-sul da terra de Canaan especificamente – com relação à costa

⁴² Conforme Milton Schwantes (2007: 22): “Claro, isso é uma tese teológica, não é necessariamente real. Pois, no real nem mesmo houve a conquista, como descrita em *Josué*, e nem mesmo se tinha condições reais de efetivar tais massacres. Aí quase só temos desejos, quase nada de realizações”.

mediterrânea e à Transjordânia nada mais é necessário dizer a não ser que em nenhum período da história esses territórios foram possessões de Israel –, o que tem implicações em relação à sedentarização, pois os *'ibrîm* tiveram que assentar-se em sua maioria nas regiões montanhosas; a segunda “correção” é quanto a uma particular intenção do redator de antecipar a desqualificação dos santuários, algo que foi situado pelos deuteronomistas na época monárquica como um dos critérios de avaliação dos reis⁴³ e que o livro de *Josué* não se pronuncia, iniciado pelo santuário de Dan (caps. 17–21), como uma prestação de contas redacional da sua posição clamorosamente favorável à monarquia não obstante a coleção das histórias dos juízes (“livro dos salvadores”) de orientação antimonárquica, daí o dito fraseológico em favor do reinado intercalado em *Juízes* 17,6; 18,1; 19,1 e 21,25

וְדָ אֶחָד מִבְּנֵי יִשְׂרָאֵל לְכָהֵן.
בַּיָּמִים הָהֵם אֵין מֶלֶךְ בְּיִשְׂרָאֵל אִישׁ הַיֵּשֶׁר בְּעֵינָיו יַעֲשֶׂה: פ

(“Naqueles dias não havia rei em Israel; cada um fazia o que lhe convinha!”⁴⁴). Antes, porém, em ambos os livros que passaram por várias redações (séculos VII-IV a.C.), a negação do direito de habitação aos outros povos acaba por provar a existência deles como povos autóctones. O historiador e arqueólogo Mario Liverani (2008) destacou a improvável coexistência de tantas grandezas socioétnicas: Khatti (hititas), ou seja, povos da Síria-Palestina, os canaanitas (única informação histórica), os perisitas, ou seja, “habitantes de vila” ou camponeses, os refaítas, ou seja, os defuntos ou espíritos dos mortos na concepção religiosa canaanita (ignorando essa concepção, os antigos israelitas pensaram-nos como antigos habitantes da terra de Canaan), todos anacrônicos ao final da Idade do Bronze Recente, além de topônimos (nos livros *Josué-Juízes*: gebusitas, hiwitas, girkashitas; nos livros de *Números* e *Deuteronômio*: refaítas e amorritas); por outro lado,

⁴³ Cf. os livros da Bíblia hebraica *1 e 2 Reis*.

⁴⁴ Na segunda parte do versículo lê-se, literalmente, “um homem o certo segundo seus olhos fazia!”.

grandezas socioétnicas historicamente prováveis, como edomitas, moabitas e amonitas, aramitas e árabes, fenícios, filistitas e demais “povos do mar”, e nômades como amaleqitas e sha’su, continuam existindo, demonstrando, afinal, o caráter ficcional do extermínio dos povos e conquista da terra. Se agora não temos prosas de ficção como no livro de *Josué*, não há dúvida de que o livro dos *Juízes* realiza um trabalho etnográfico de retroprojeção ideológica, ou seja, retroprojeta a forma de governo que as *comunidades religiosas do judaísmo* vão adotar como modelo para *Yehud*, época em que não há rei e que, portanto, são necessários homens que julguem e administrem as comunidades.

Assim, toda a história da libertação e a entrada na terra de Canaan são cantadas e reelaboradas (cf. *Salmo 78*; *Êxodo 12,37-42*; *15,20-21*) de acordo com o tempo e as circunstâncias, buscando através da memória conferir inteligibilidade aos novos ouvintes.

מִי הַיָּמִים וּבְנֵי יִשְׂרָאֵל הִלְכוּ בִּיבְשָׁה בְּתוֹךְ הַיָּם: פ
 20 וַתִּקַּח מִרְיָם הַנְּבִיאָה אַחֲרֶיהָ אֶת־הַתֶּף בְּיָדָהּ וַתִּצְּאֶן כָּל־
 הַנְּשִׂיִם אַחֲרָיהָ בַתִּפְּיִם וּבַמַּחֲלֹת:
 21 וַתֵּן עָן לָהֶם מִרְיָם שִׁיר לַיהוָה כִּי־יִצְאָהּ גָּאֹה סוּס וַרְכָבֹר כַּמֶּה

Êxodo 15,20-21 (“E então Miriam, a profetisa, irmã de *Aharon*, pegou o tamborim na mão, e todas as mulheres foram atrás dela com tamborins e com danças de roda. E respondeu para elas Miriam: Cantai a *Yhwh*! Pois ele é muito sublime! Cavalos e seus condutores lançou no mar!”) demonstra, assim como o *Salmo 78* – uma elaboração sociorreligiosa da época pós-exílica – e *Êxodo 12,37-42*,⁴⁵ a justaposição de tradições em ambiente que valoriza o simbolismo litúrgico, cuja interpretação teológica foi capaz de dar origem a uma *historiografia*.

Com efeito, as narrações bíblicas não são anteriores ao século IX a.C. O problema da prova da existência do Israel monárquico através das evidências etnográficas e epigráficas recebe o auxílio dos ostraca. Existem ostraca que concordam com textos

⁴⁵ Por justificar uma asserção, os versículos 37-38 de *Gênesis 12* foram traduzidos e citados *supra*.

bíblicos, escritos em prosa, como os ostraca *Mesad Hashavyahu*, encontrados no sul de Yavneh-Yam, sul da costa mediterrânea em 1960, e datados do fim da Idade do Ferro; contêm várias referências aos livros do *Gênesis*, *1 Samuel*, *Josué*, *Deuteronômio*, *Êxodo*, *Amós* etc. (LEMAIRE, 1977; HALLO; YOUNGER, 2002). Os ostraca de *Lakish*, identificados até o número 22, sendo que o primeiro foi encontrado em 1935, e foram ambos datados da época após a destruição de Jerusalém e seu templo em 587 a.C.; os ostraca de *Arad*, identificados até o número 88, encontrados entre os anos 1962 e 1967 no Negeb, ao pé das montanhas de Judah, em uma vila do Bronze Antigo próxima a Beersheba; os ostraca de *Samaria*, produzidos provavelmente por escribas no palácio real de Samaria durante a primeira metade do século VIII a.C.; o ostracon de *Ophel*, descoberto em 1924 na área sul do monte do templo de Jerusalém, datado do século VI a.C., com referência a textos pós-exílicos, como o livro de *Esdras*, *1 e 2 Crônicas*, *Neemias* etc.; os ostraca de *Samaria*, de expedição conjunta, e de *Tell Qasile*, provavelmente dos últimos anos do século VIII a.C.; o ostracon de *Ramat-Rahel*, encontrado em 1959 e de cerca do ano 700 a.C.; os ostraca de *Beer-Sheba*, descobertos em uma ocupação destruída no ano de 701 a.C., com várias atestações da Bíblia hebraica; o ostracon de *Khirbet El-Meshash*, encontrado no ano de 1974 próximo de Beersheba (LEMAIRE, 1977; HALLO; YOUNGER, 2002). Todos os ostraca são fontes que levam-nos às narrações da Bíblia hebraica, mas lastimavelmente nenhum remete a algo que nos aproxime da origem do Israel pré-monárquico.

Há uma inscrição do túnel de Siloé, descoberta em 1880, que menciona o túnel e reservatório construídos pelo rei Ezequias de Jerusalém, do século VIII a.C., a inscrição foi datada de cerca do ano 700 a.C. como produto do reino de Ezequias; há várias inscrições reais hebraicas do século VIII a.C. e inscrições mortuárias hebraicas também da mesma época, alguns com referência ao reinado de Ezequias, e o significativo ostracon de Jerusalém, que menciona o cabeça do panteão canaanita 'El e narrações da época do exílio babilônio.

Podemos citar a significativa estela de *Mesha*, uma inscrição moabita que é uma das fontes epigráficas mais antigas a citar “Israel”, Israel com sua relação com o Deus *Yhwh*; a estela mede 1.15 m. de altura e 60-68 cm. de largura, foi descoberta em 1868, não se sabe precisamente em que idioma foi escrito (moabita? hebraico israelita?) e recebeu datação de cerca do ano 835 a.C.; a estela faz referência ao rei israelita Omri, ao jovem deus guerreiro Baal e a *Yhwh*, a Israel e tantas outras regiões (HALLO; YOUNGER, 2000).

Outro significativo testemunho material é o obelisco preto da época do rei da Assíria, Salmanassar III (*Shalman’esar*; bab.: *Shulmanu-asharidu*), que reinou entre os anos 858-824 a.C.; descoberto pelo arqueólogo Henry Layard em 1846 durante as escavações do sítio de Kalhu, a antiga capital da Assíria, e datado de 825 a.C., o obelisco retrata o rei Yehu (841-814 a.C.) de Israel como tributário de Salmanassar III, sendo que esse rei israelita aparece em posição de submissão ao rei assírio.

Enfim, há uma inscrição de basalto preto, descoberto no ano de 1993 em Tel Dan, batizada de “Casa de *Dawid*”; escrita em aramaico, a estela relata uma invasão de Israel por um rei aramita não identificado (Hazael, rei de Damasco?), e ao mencionar a “casa de *Dawid*” (*beyit Dawid*) é mais uma comprovação da existência da dinastia davidida em Jerusalém, eliminando, assim, a noção de que Davi e Salomão tenham sido uma invenção dos autores bíblicos pós-exílicos (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2005; FINKELSTEIN; MAZAR, 2007).

Conclusão

Procuramos evidenciar, através dos artefatos epigráficos, a relação do antigo Israel com os povos do Mediterrâneo antigo. Não resta dúvida quanto à presença de grandezas socioétnicas mediterrâneas entre os *ibrîm* assentados na terra de Canaan, precisamente nos altiplanos centrais, e da sua presença com o “povaréu” saído do Egito em meados do século XIII a.C., mais tarde designados como Israel.

Referências Bibliográficas

Fontes

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

HALLO, William W.; YOUNGER, K. Lawson (eds.). *The Context of Scripture*. Vol. 2. Monumental Inscriptions from the Biblical World. Leiden; New York; Köln: E.J. Brill, 2000.

HALLO, William W.; YOUNGER, K. Lawson (eds.). *The Context of Scripture*. Vol. 3. Archival Documents from the Biblical World. Leiden; New York; Köln: E.J. Brill, 2002.

LEMAIRE, André (introduction, traduction et commentaire). *Inscriptions hébraïques*. Tome 1. Les ostraca. Littératures Anciennes du Proche-Orient. Paris: Éditions du Cerf, 1977.

Textos modernos

FINKELSTEIN, Israel; MAZAR, Amihai. *The quest for the historical Israel: debating archaeology and the history of early Israel*. Leiden; New York; Köln: E.J. Brill, 2007.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. 3. ed. São Paulo: A Girafa, 2005 (*The Bible unearthed: archaeology's new vision of ancient Israel and the origin of its Sacred Texts*. New York: Free Press, 2001).

LANOIR, Corinne. Juízes. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (orgs.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 322-337.

LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008.

SCHWANTES, Milton. "Comentários introdutórios sobre Josué e Juízes". *Caminhando* (UMESP). São Bernardo do Campo, vol. 12, n. 19, p. 15-27, 2007